

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

CONTOS E NOVELAS

CONTOS BÁRBAROS • CONTOS DURIENSES
TERRA INGRATA



O MUNDO
DE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Ninguém como João de Araújo Correia para, numa bela página enxuta, resumir a sua vida. Vida que, como a de todo o homem, podia caber em três palavras: nasceu, sofreu, morreu. Mas o que torna a sua vida diferente da dos comuns mortais é o exercício da medicina ainda entendida como um sacerdócio e a vocação literária servida por um estilo de singular limpidez.

Nasceu no primeiro dia do ano de 1899 o escritor que continuaria a boa tradição literária do século XIX. Foi-lhe berço Canelas do Douro, concelho do Peso da Régua. E a Régua, então vila, elevada a cidade no próprio ano da morte do escritor — 1985 —, seria o cenário de quase toda a vida de João de Araújo Correia.

Fez os estudos primários, secundários e universitários, primeiro na Régua, depois em Vila Real, enfim no Porto. Em Vila Real frequentou o liceu que tem por patrono Camilo Castelo Branco — o escritor a cuja família literária pertence João de Araújo Correia. Teria ele 7 ou 8 anos quando leu pela primeira vez um livro — e esse livro é precisamente de Camilo: Mistérios de Fafe. Escreve o nosso autor: «Todo o trato que depois mantive com a obra de Camilo apenas afevorou e iluminou no meu espírito a impressão primitiva. Bela impressão foi... Aquele saboroso gosto português da elo-

cução camiliana ainda hoje o sinto.» Tão grande era a sua devoção camiliana, que, nascido o seu primeiro filho varão em 1925, lhe deu o nome de Camilo. Celebrava-se nesse ano o centenário do nascimento de Camilo — e Camilo havia de ser o filho que honraria o nome do pai, seguindo-lhe os passos de médico e de escritor.

Para prosseguir os seus estudos, João de Araújo Correia partiu para o Porto e aí frequentou a Escola Académica antes de ingressar na Faculdade de Medicina. Mas, por doença, teve de interromper o curso, que concluiu seis anos mais tarde. Se atrasou a formatura, reconhece, porém, que não perdeu de todo o seu tempo, porque aproveitou a convalescença para ler e escrever. Nesse período, iniciou também a sua colaboração na imprensa regional.

Na Régua, onde se fixou depois de formado, passou a exercer clínica quase até ao fim dos seus dias. E tão dedicadamente, que uma mulher do povo, em certa ocasião, soltou este grito de alma, que exprimia na sua singeleza um sentimento popular: «— Quando o senhor doutor morrer, até estes montes o hão-de chorar!» Da profissão extraiu o escritor matéria-prima para os seus contos. Nunca por nunca abandonaria a sua vocação, a pretexto de não poder servir bem a dois senhores. A vocação é um chamamento a que tem de responder-se. E, assim, escreve: «Teve de se cumprir a minha sina — originada em factores ancestrais que mal alcanço.» Se é obscura a origem da vocação, o lugar onde ela nasceu está assinalado: «Sei que nasci escritor em casa de lavoura, situada à beira de uma fonte, na antiga vila de Canelas do Douro.» A música da água embalou-o desde o berço.

Em Canelas do Douro foi sepultado João de Araújo Correia, em 1 de Janeiro de 1986, dia em que completaria 87 anos. Assim terminou a viagem que corre do berço à sepultura. Viagem a que não põe termo a morte quando alguém deixa a sua pegada na estrada da vida. Mais do que a estátua com que a Régua muito justamente perpetua a memória de um cidadão ilustre, é nos seus livros de ficção, de crónicas e de miscelâneas ditadas «por amor da nossa fala» que sobrevive. Era um devoto da língua, que aprendeu nos clássicos, na lição dos filólogos Gonçalves Viana e Agos-

tinho de Campos, na consulta dos dicionários de Morais, Caldas Aulete, Fontinha, Torrinha, Artur Bivar. Compulsar um dicionário era, para ele, não apenas uma exigência do ofício — para resolver dúvidas sobre o significado, a grafia e a etimologia de um vocábulo —, mas também uma aventura e prazer espiritual. Que floresta de vocábulos, que descobertas nesse mare magnum, que polissemia de acepções, que luxo de abonações.

Não se ficou, porém, pela leitura de autores que lhe eram mais caros e afins — Garrett, Camilo, Júlio Dinis, Eça, Trindade Coelho — e pelos ensinamentos colhidos em gramáticos e dicionaristas. Aprendeu também a língua — língua viva e expressiva — na boca do povo. Mas de modo consciente e não arbitrário, declarando a este propósito: «Sim, o povo é que faz as línguas... Mas quem as desfaz é a canalla.» Era a sua forma de protesto contra abusos e arbitrariedades que ferem o bom senso e o génio da língua.

Se os escritores que mais frequentava o ajudavam no seu ofício de escrever, alguns filósofos o ajudavam no seu mester de homem. Não é o homem um ser pensante? Mais que construtores de sistemas, eram mestres de vida aqueles pensadores em que se reconhecia o homem reflexivo: Platão, Marco Aurélio, Montaigne, Espinosa, Emerson, Carlyle, Unamuno. Do paradoxal Unamuno escreve: «Irrita-me, sacode-me, sofisfa-me, se assim posso dizer, mas que agradável banho de energia...» Com homens modelares, heróis ou mestres de energia, encontrava espíritos perplexos e melindrosos com quem, em certos momentos, idealmente se identificava: Rousseau, Amiel, Tolstoi, Gide, escritores intimistas que devassavam a alma, na tentativa de se conhecerem melhor a si próprios e, talvez, de encontrarem almas gémeas.

Ler João de Araújo Correia não é só viajar pela literatura e a língua portuguesas, é viajar pelo país real e pela pátria pequena: o país vinhateiro e o país camiliano. As suas foram, em geral, viagens rápidas, em que a sua curiosidade e poder de observação captavam o essencial de uma paisagem, de uma terra, de um perfil humano. A medicina a tempo inteiro e a literatura a «horas mortas» não lhe deram grandes folgas e réditos para viajar mais e mais longe. Não

era um desses caixeiros-viajantes da literatura, andando sempre de um lado para o outro, numa espécie de alucinante movimento perpétuo. O Brasil, velho sonho de quem tem porventura, como tantos portugueses, um remoto avoengo que demandou aquelas longínquas paragens, e por lá ficou, não foi senão uma miragem. A Espanha, aqui ao lado, é que pôde conhecer um pouco. À Galiza, ainda mais próxima pelo coração, é que lhe foi dado corresponder ao seu aceno fraternal. Santiago, Vigo, Pontevedra, Tui, Lugo, Corunha, abriram as suas portas ao viandante que trazia na bagagem a mesma família linguística.

João de Araújo Correia calcorreou sobretudo a sua terra. O Douro, o Marão, os lugares e os miradouros mais surpreendentes, que enumera: Galafura, Poiares, Loureiro, Mouramorta. Mas, de todos, o seu lugar predilecto era o do Fial, no caminho de São João de Lobrigos, Santa Marta de Penaguião. Aí parava e descansava, daí contemplava o Marão e colhia esta impressão: «Casa-se a graça com a severidade, num silêncio augusto.» Tudo enchia de espanto os seus olhos e de plenitude a sua alma.

Peregrino camiliano, não houve santuário que não visitasse: São Miguel de Seide, Samardã, Friúme, Ribeira de Pena, Vila Real. Um mundo pequeno a que Camilo deu outra dimensão e tornou mítico. In loco, esses lugares, conhecidos livrescamente em páginas memoráveis, vêem-se com outros olhos. A geografia literária tem aqui o seu indeclinável papel.

A geografia literária e sentimental de João de Araújo Correia estende-se ao Porto — o Porto romântico e o «Porto culto» de Sampaio Bruno, de Junqueiro, de Pascoaes, de Leonardo Coimbra, com os seus alfarrabistas, os seus jornais, as suas instituições tradicionais.

João de Araújo Correia é tão fiel às suas raízes geográficas como à sua família pelo espírito e o sangue. O trasmontano escreve assim do Marão: «Tempera o nosso carácter, sublima o nosso vinho, dá ao nosso clima altitudes de céu e profundidades de abismo.» Como bom filho, honrou a memória de seus pais. Da mãe herdou, ele o diz, a sensibilidade e do pai o gosto da língua portuguesa aprendida com Camilo e, ainda, a tradição republicana. Chefe de numerosa

ÍNDICE

O mundo de João de Araújo Correia, por JOÃO BIGOTTE CHORÃO	7
---	---

CONTOS BÁRBAROS

A velha das panelas	25
Milagre	30
Os figos de pau	35
A mimosa de Carrapatelo	39
O Doutor Hermenegildo	44
A quinta do Algarve	49
O vestido branco	53
Os livros do diabo	56
Maria de Lurdes	61
A morte do pai	66
Uma cabeçada	70
O ferro bento	73
O enforcado	79
Miguel	83
O tio Patuleia	89
O Católico	93

Uma sombra	98
Por causa dum beijo	102
A Consciência	108
Para o meu bispo	112
Conto do Natal	120
Nega-o, Maria!	124
História duma doente	128
A medalha	133
Perdão	135
O mestre-escola dos Dízimos	142
<i>Nota explicativa</i>	147

CONTOS DURIENSES

A Torre	153
A lampreia	158
A última fidalga	163
O meu compadre Agapito	169
A mulher nua	174
O Rei dos Cavadores	179
A primeira mulher	182
O penitente	190
A viúva	194
Os cinco escudos de Pepe	200
O caiador das almas	204
Perdida	212
Uma voz	215
O escritor	218
Dois tipos	232
Uma vida	235
Delírio	240
Mestre Simão	242
O Soba de Mafómedes	245
História de uma criada velha	252
Um caso de honra	260
O Pouca-Roupa	264
Mãe	268

TERRA INGRATA

O dinheiro do tio Carlos	275
O vinho	279
Dois palmos de terra	283
O medo	288
Tarde de Outubro	293
As bichas	297
O ceguinho e o demónio	301
Como se faz uma estrela	306
O capote do tio Gaio	310
A mulher do Narciso	316
Pérolas a porcos	321
A doença do meu tio	328
As desilusões do brasileiro Raimundo	335
D. Constança	344
O poço da Lameira	354
As velhas são o Diabo	369

*

Registo — A crítica e o <i>Sem Método</i>	377
---	-----